

Cooperativismo de plataforma é solução para precarização na mobilidade urbana

As cooperativas de plataformas apresentam respostas para a precarização do trabalho digital gerada pelos aplicativos de mobilidade urbana. Esse é o ponto de vista de Fernando Lucindo, advogado especializado em cooperativismo, diretor jurídico na Liga Coop e embaixador do RadarCoop. Em um artigo que escreveu para o blog do RadarCoop, Lucindo discorreu sobre as transformações que estão ocorrendo nas lógicas do trabalho, apontou as contradições da economia digital e condenou as falsas promessas de autonomia e empreendedorismo que os aplicativos prometem aos motoristas. A inovação tecnológica é impressionante, Lucindo reconhece. Com isso, muita gente acreditou no discurso de que os motoristas dos aplicativos de mobilidade urbana atuam em uma espécie de negócio próprio. Mas na prática as coisas não são bem assim. **Nova era na mobilidade urbana** “Com a entrada da Uber no mercado nacional, em 2014, testemunhamos a reinvenção do transporte urbano”, explica o advogado. As plataformas levaram a tecnologia à mobilidade urbana. Assim, muita gente adotou os aplicativos em detrimento de carros particulares. Nesse processo, alguns concorrentes surgiram e até ganharam um bom espaço no mercado, mas sem ameaçar o grande líder no segmento. Por outro lado, milhares de trabalhadores enxergaram os aplicativos como fonte de renda. “Muitas pessoas, sem outra alternativa, passaram a depender da utilização da plataforma para manter seu próprio sustento e

de sua família”, escreve Lucindo. Surgiu, então, a nova categoria de motoristas de aplicativo. Só que as promessas de autonomia, ganho fácil e aproveitamento financeiro do próprio tempo não se concretizaram. O efeito, na verdade, foi o oposto. “Os motoristas de aplicativo tornaram-se cada vez mais dependentes das plataformas, submetidos a termos e condições inegociáveis”. Consequentemente, os trabalhadores ficaram, de certa forma, reféns dos aplicativos de mobilidade urbana e suas regras que podem mudar a qualquer momento. “A triste lembrança das precárias condições humanas e sociais da Revolução Industrial nos séculos XIII e XIX parece se repetir no início do século XXI”, alerta Lucindo. **Problemáticas sociais na nova mobilidade urbana** Contudo, as mesmas tecnologias que proporcionam esse cenário de precarização do trabalho digital nas plataformas de mobilidade urbana também podem ser usadas para o bem. Os motoristas estão se reunindo em grupos online, criando associações e dando visibilidade a representantes da nova classe. Porém, reivindicar direitos e melhores condições de trabalho não é uma tarefa fácil. Lucindo compara as plataformas de mobilidade urbana com traficantes que fornecem um entorpecimento ilusório aos motoristas. Diante disso, é difícil conseguir largar as promessas de autonomia e ganhos financeiros. “E eles já estão dependentes. É dali que vêm as viagens e corridas. E essas corridas são o dinheiro para sustento básico, para sua alimentação, o leite e, talvez, a carne”, explica Lucindo. “O motorista de aplicativo está tão preso a esse sistema da plataforma, que o temor em ser banido é uma angústia constante. A possibilidade de deixar de usar o aplicativo está fora de cogitação”. Dessa maneira,

ele identifica três camadas na precarização e exploração dos motoristas de mobilidade urbana: **O problema é nacional**: “Temos uma grande quantidade de trabalhadores dependentes, em sua maioria, de um único aplicativo”. **O problema é social**: “Milhares de trabalhadores não conseguem se desvencilhar do ‘sinal’ dado pelo aplicativo, quando a programação lhes oferece uma corrida”. **O problema é econômico**: “Bilhões e bilhões de reais são faturados por essas grandes corporações e enviados para instituições financeiras fora do país”. **Cooperativismo ao resgate por uma mobilidade urbana mais justa** Mesmo com esse cenário problemático, há um antídoto: o cooperativismo. Com o modelo cooperativista, os motoristas se tornam donos e participantes ativos das plataformas. Isso resulta em autonomia, remuneração digna e segurança. “Atualmente em nova roupagem, como no Cooperativismo de Plataforma, o modelo congrega os mesmos valores e princípios tradicionais do modelo na contemporaneidade”, aponta o articulista. É nesse contexto que surgem as cooperativas de mobilidade urbana, que abrem caminho em uma sociedade que começa a buscar uma economia mais solidária. O apoio das comunidades e do poder público se faz essencial no processo de consolidação do cooperativismo de mobilidade urbana. “É preciso entender o cooperativismo não só como um empreendimento, mas também como um negócio social comprometido com pessoas e comunidades. Somente assim, superando o fantasma da ignorância e do desconhecimento, a alternativa mais viável (talvez única) para os problemas sociais, econômicos e humanitários causados pelas grandes corporações serão

resolvidos – ou, na pior das hipóteses, amenizados”. **Liga Coop protagoniza essa nova era** A maior expoente brasileira desse movimento é a Federação Nacional das Cooperativas de Mobilidade Urbana, mas conhecida como Liga Coop. Fernando Lucindo é diretor jurídico da entidade, que nasceu como iniciativa da Comobi, a Cooperativa de Mobilidade Urbana de Caxias do Sul-RS. “O objetivo inicial e principal da federação é disponibilizar e operacionalizar uma plataforma tecnológica – ou seja, o aplicativo – com amplitude nacional”. Para isso, cooperativas de vários lugares do Brasil estão aderindo à Liga Coop, dando escala ao aplicativo. “Se um usuário do aplicativo morador de Gramado/RS for para Imperatriz/MA, poderá solicitar suas corridas utilizando o mesmo aplicativo”. Através da Federação, portanto, as cooperativas ganham força estratégica, de escala, empoderando e beneficiando os cooperados. A criação da Liga Coop representa um avanço significativo para o amadurecimento do cooperativismo de plataforma no Brasil. Lucindo conclui seu artigo em tom otimista: “Que venham as cooperativas e, junto com elas, o fim da precarização e da exploração dos motoristas de aplicativo!” *Fonte: Coonecta me*



Primeira cooperativa de energia compartilhada do Brasil cresce 200% no primeiros semestre

A cooperativa de energia compartilhada COGECOM, marca fundadora do setor no Brasil, acaba de divulgar os seus números do primeiro semestre de 2023 com um crescimento de 200% da sua energia total compensada sobre o ano anterior. Em 2022, a marca atingiu 200 milhões de kWh/mês gerados em sua existência – a empresa nasceu em 2017. Somente no primeiro semestre desse ano, o acumulado chegou a 600 milhões. A marca encerrou o ano passado com 20.000 unidades consumidoras. Agora, no primeiro semestre de 2023, esse número saltou para 30.000 UCs. Para o Diretor Geral da COGECOM, o mercado de energia compartilhada representa, hoje, uma solução única para os consumidores de baixa tensão. “Nossa marca coopera e distribui energia para os chamados clientes convencionais, de baixa tensão, que ainda não tem acesso aos mercados abertos. Esse crescimento exponencial se justifica por dois motivos diretos: o preço da energia aumentando e os projetos de geração em crescimento no país”, comenta Roberto Corrêa. Todo crescimento projetado está localizado tanto na contratação de suas fontes de entrada, como na sua participação de mercado. O crescimento de 200% apontado neste primeiro semestre está localizado tanto na contratação de suas fontes de entrada, como na sua participação de mercado. No primeiro semestre do ano passado, a COGECOM estava presente no PR e em SC, no entanto, atualmente abrange 7 Estados do Brasil (PR/SC/RS/MG/GO/MS/MT) – serão 8 com essa chegada em São Paulo. A COGECOM tem hoje, aproximadamente, 30.000 unidades consumidoras e mais de 60.000.000 de kWh por mês, com a previsão de crescimento de outros 200% para o segundo semestre desse ano. Corrêa acrescenta que até o final desse ano a COGECOM deve ter 200 MW de potência injetável no mercado, o que vai representar algo em torno de 800

MW de potência instalada. Os números alcançados no primeiro semestre desse ano são essenciais para a marca atingir a meta de 800% de crescimento para os próximos cinco anos, estabelecidos no início de 2022 quando completou cinco anos da sua fundação. *Fonte: Imprensa Cogecom*



Força do coop é destacada no encerramento da Semana de Competitividade

“Esse evento diz muito sobre nossa visão de futuro. A presença maciça de vocês aqui demonstra o quanto queremos impulsionar o coop. Somos competitivos sem deixar de lado os princípios éticos, sustentáveis e humanos de fazer negócios. Por isso, o cooperativismo merece melhorar ainda mais seus indicadores. Não podemos pensar pequeno, pois nossa capacidade de gerar prosperidade e desenvolvimento para o país são incontestáveis.” A afirmação feita pela superintendente do Sistema OCB, Tania Zanella, foi proferida no encerramento das atividades presenciais da Semana de Competitividade 2023, nesta quarta-feira (9). O evento reuniu mais de 650 cooperativistas que percorreram trilhas de inovação, inteligência de mercado, ESG e liderança para

transformação, além de participarem de palestras plenárias e de laboratórios práticos. Ela reforçou que os números divulgados no AnuárioCoop 2023_sinalizam que as metas do Desafio BRC 1 Tri serão alcançadas e o país contará, com uma movimentação financeira de R\$ 1 trilhão e 30 milhões de cooperados. “Estamos aqui porque queremos alcançar esse R\$ 1 trilhão; porque acreditamos que podemos e vamos transformar esse país em um lugar melhor para se viver. Mais justo, sustentável, com equidade de gênero e diverso. O que nos une é a certeza de participar de um modelo de negócios capaz de transformar vidas”, ressaltou. Tania complementou sua fala com a apresentação de vídeo sobre os produtos e serviços elaborados pelo Sistema OCB para desenvolver os negócios de cooperativas de todos os ramos. São soluções de representação, dados e inteligência, ESG, negócios, inovação, capacitação e comunicação. A superintendente também convidou a todos para participar do 15º Congresso Brasileiro do Cooperativismo (CBC), que será realizado entre os dias 13 e 17 de maio de 2024, em Brasília. “Muitas temáticas trabalhadas aqui foram trazidas por vocês no 14º CBC. A instituição dos comitês de jovens e de mulheres, o Geração C e o Elas Pelo Coop, são exemplos de frutos do congresso. E queremos bater a meta de participantes. Em 2019 foram 1,5 mil cooperativistas e agora queremos receber 3 mil lideranças, porque são vocês que legitimam o trabalho de representação que fazemos”. O presidente Márcio Lopes de Freitas acrescentou que o congresso é o caminho para a construção de estratégias futuras, táticas e ações que precisam, obrigatoriamente, surgir a partir do coletivo. “O 15º Congresso do Cooperativismo começa agora. Vamos construir o coop que queremos e engajar todos nesse processo. Vamos confiar na nossa garra e na humanidade que nosso modelo de negócios tem”.

Fonte: SomosCooperativismo

capacita**coop**  Sistema**OCB**
ONCOOP | OCB | SEBCOOP

Assembleias Gerais

Como realizar e estimular a participação

Inscreva-se agora
capacita.coop.br